

FOGUETÃO

SEMANÁRIO JUVENIL PARA O ANO 2000

CAPITÃO MARTE

PILOTO DO FUTURO

em O PLANETA DESCONHECIDO



ESTE ERA O COMPANHHEIRO DE MEU PAI...
...DEIMOS, O IRMÃO DO DR. GALILEU!

O capitão Marte chega às proximidades do planeta TERRA2, um mundo desconhecido que seu pai tentara descobrir trinta anos antes, numa expedição que fora considerada perdida.

A primeira coisa que avista é a astronave de seu pai, abandonada e parecendo deserta. O capitão Marte parte numa astrolancha a explorar os destroços. Lá dentro, jaz um corpo sem vida...



ESPERE, CAPITÃO. VEJA!



CAPITÃO MARTE! DESOBEDECI-LHE, MAS TINHA QUE O ACOMPANHAR! E... E... SEU PAI?

NÃO, FOGUETE! ESTE É DEIMOS, O HIPERION!



AJUDA-ME A PESQUISAR O RESTO!

VAMOS A ISSO, CAPITÃO!



NEM UM INDÍCIO DO QUE ACONTECEU!



VEJA OS TUBOS SALVA-VIDAS!

FALTA UM!



ISTO SIGNIFICA QUE MEU PAI PODE SALVAR-SE ANTES DA EXPLOSAÇÃO!



O CAPITÃO MARTE E FOGUETE REGRESSAM À ASTRONAVE, ONDE COMUNICAM AO DR. GALILEU A MORTE DO IRMÃO...



SE FALTA UM SALVA-VIDAS É QUE SEU PAI CONSEGUIU ESCAPAR!

E NATURALMENTE PODE ALCANÇAR TERRA2!



A GRAVIDADE AUMENTOU TRÊS GRAUS, DR. GALILEU!

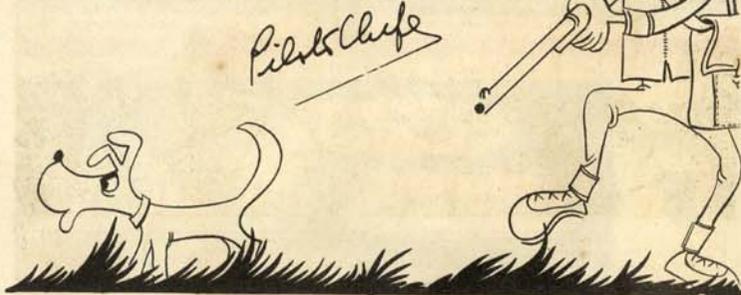
ESTAMOS NO LIMITE DA ACCÃO DA GRAVIDADE DO PLANETA! NÃO PODEMOS AVANÇAR MAIS, POR AGORA!

CONTINUA

CAÇA À RAPOSA!

Para muitos, terminou já o ano escolar, principiando a época alegre e maravilhosa das férias, durante as quais — caso curioso! — não deixarão de pensar, no entanto, e com saudade, no tempo das aulas, dos livros, das cólicas, mas também das horas felizes, dos pequenos êxitos e das boas amizades que só a escola sabe gerar.

Outros, porém, entram agora na movimentada batida às raposas. As mães andam alertas, mas não conseguem resistir ao matraquear certo das declinações ou dos teoremas. Vamos, pois, a isto, rapazes e raparigas: Guerra sem quartel às raposas, até ao seu completo extermínio! E que todos possam, no final, ostentar o diploma da grande batida vitoriosa...



FOGUETÃO PASSA À ESCUTA E RESPONDE...

Linda Duarte, Carcavelos — Pois com certeza! Todos os leitores se nos podem dirigir escrevendo directamente para «Fogueteo» — «Fogueteo» — Avenida da Liberdade, 266, Lisboa.

Adlemar J. A. Carvalho, Porto — Desvanecidos com o entusiasmo do público nortenho, sempre tão generoso! O assunto da colaboração dos leitores está a ser estudado e ela vai ser em breve uma realidade, como já dissemos. Promoveremos concursos, de artigos, reportagens, poesias, ilustrações, fotografia, aventuras ilustradas — tudo com temas dados —, sendo oportunamente reproduzidos os melhores trabalhos, cujos autores receberão, em vez de um prémio, a remuneração atribuída habitualmente aos nossos colaboradores.

Carlos Armando Rodrigues de Campos (Miguel Jorge), Coimbra — Muito grato pelas suas palavras: o vosso semanário vem preencher um vazio que existe nos jornais do género. Quanto às respostas (quantas mais, melhor, sobretudo se forem boas como as suas). Já cá temos as palavras cruzadas em inglês. As aventuras talvez não demorem muito!

João Trindade Leitão (Insp. Jotirle), Lisboa — A sua ideia, relativa à secção de cinema (nem é, por enquanto, uma secção...) não caiu em cesto roto. Oportunamente, trataremos também de Teatro. A Rádio e a Televisão, essas já por cá andam, pela mão autorizada de Jorge Alves.

Fausto Nunes Dias, Lisboa — A ideia da consulta aos leitores não é de todo má. Parece-nos, porém, que ainda é cedo para eles se pronunciarem sobre as qualidades e os defeitos do jornal. Deemos tempo ao tempo. E depois: não é este número já tão diferente (melhor? pior?) do número 1?

FOGUETÃO
SEMANÁRIO JUVENIL
DIRECTOR: ADOLFO SIMÕES MULLER
Editor: M. M. Motta Cardoso — Propriedade da E. N. P. — Redacção e Administração: Avenida da Liberdade, 266 — Composto e Impresso nas oficinas gráficas do Anuário Comercial de Portugal

OS CAMINHOS DA RADIO E TELEVISÃO

Prometi ensinar-lhes a montar o texto do «Fiel». Vamos a isso!

Primeiro escolhem uma sala onde haja poucos ruídos. Será o estúdio!

Preparam os discos, verificam a velocidade do gira-discos em relação à velocidade exigida pelo disco escolhido, e limpam a cabeça do gravador com uma flanela humedecida em álcool. Colocam a bobina a gravar e fazem primeiro uma experiência de som. No caso de aproveitarem o microfone para captar o som dos gira-discos, colocam-no a uma distância que devem estudar, de forma a que a voz e a música se possam misturar sem se prejudicar uma à outra. Quero dizer: o locutor deve fazer uma leitura do texto de mistura com o fundo musical, o «técnico» de gravação terá durante a experiência o cuidado de anotar, tanto na máquina de gravação, como no comando de volume de som do gira-discos, qual a intensidade sonora ideal para a mistura.

Uma vez encontrado esse volume sonoro conveniente, procede-se à segunda operação: averiguação de qual a intensidade máxima que a máquina de gravar pode admitir na abertura do programa, de forma a evitar distorção (som aberrado).

Acertadas todas as intensidades sonoras, feitas todas as experiências, tudo está preparado para se gravar a montagem final.

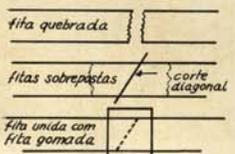
Não se importem de discutir (e quando digo discutir é, evidentemente, na boa aceção da palavra: trocar impressões), porque da colaboração existente entre o autor, o locutor e o técnico é que pode nascer um trabalho o mais perfeito possível. Se tudo está como desejavam, vamos gravar!

Rebobinada a fita, carreguem no botão de comando da gravação, deixem a bobina gravar um silêncio de alguns segundos e depois entra em primeiro plano a abertura musical. Ao sinal previamente combinado, o locutor anuncia a abertura como fora escrita (veja-se neste caso o nosso número anterior). Feito o anúncio de abertura, a música sobe durante uns tantos segundos, para baixar a seguir em simultaneidade com o sinal para o locutor começar a ler o texto. A música fica em fundo durante a leitura do texto até onde está marcado *Pausa*. O locutor continua a leitura, desta vez sem música em fundo. Quando diz: *Vamos, Fiel!* o técnico pára a máquina e prepara o disco da rubrica n.º 5.

o arranque da máquina de gravar e a entrada do disco da rubrica n.º 5 devem ser simultâneos, para se conseguir o efeito desejado. Se assim for, logo que o locutor diz: *Vamos, Fiel!* a música em ritmo de galope dá-nos a sugestão imediata de que tudo se passou a correr, com ansiedade, com desejo de salvar o «Fiel». Ao mesmo tempo, esse separador musical traz-vos a sugestão de tempo — o chamado tempo radiofónico — que é indispensável em trabalhos desta natureza.

E assim se procede até ao fim do programa. Espero que tenha sido claro e que todos tenham compreendido.

Ah! É verdade... Se porventura, durante a gravação, a fita se quebrar, ou explícito como devem proceder à colagem:



Com uma tesoura e fita especial de colar *stape*, a operação é fácil.

O MUNDO NO ANO 2000!

Continuam a chegar-nos curiosos depoimentos dos nossos leitores destinados a este inquérito apaixonante que tanto interesse tem despertado. Publicamos a seguir mais algumas respostas, aproveitando o ensejo para lembrar que estas devem ser acompanhadas das seguintes informações: nome, idade, habilitações ou profissão e morada.

«FIM-DE-SEMANA EM MARTE E EM VÊNUS»

— anuncia o Natércio Afonso

Desde os mais remotos tempos, o homem teve o desejo de transportar ou de se fazer transportar em veículos que lhe permitissem menor esforço físico.

Da idade da pedra até hoje, os meios de transporte foram-se desenvolvendo sucessivamente; portanto é crível que se continuem a desenvolver e que no



Natércio Afonso
Idade: 12 anos
2.º ano, no Liceu de Camões

Cortam a fita partida em diagonal sobrepondo as duas pontas quebradas e, unindo bem as pontas, cobrem-nas com a fita gomada, aparando depois muito bem de forma a ficar a fita sem rebordos. A colagem é feita pelo lado brilhante da fita.

E é tudo!

Se forem capazes de fazer esta montagem simples, podem tentar depois trabalho mais completo.

Lembro-lhes, por exemplo e ao acaso, um livro de contos muito bonitos — «A Pátria Portuguesa», do Dr. Júlio Dantas — onde podem encontrar, entre outros, um texto estupendo para montagem: «O Tambor».

Neste conto podem até, se quiserem, fazer diálogo. A música que recomendo para servir de fundo é uma composição maravilhosa de Tschai-kowsky — a abertura do «1812».

Formem uma equipa sonora e vão pensando que nas férias grandes podem muito bem arranjar um magnífico entretenimento, aproveitando as vantagens surpreendentes que uma máquina de gravar e um gira-discos podem proporcionar.

Pensem nisso e, se necessitarem de algum conselho, cá estou para os atender.

Até breve!

ano 2000 existam automóveis que possam simultaneamente voar e voar nas águas de qualquer oceano; esse veículo será comum a todas as famílias.

Haverá viagens regulares de foguetões para a Lua com a mesma facilidade com que presentemente se viaja para Paris ou Londres. Haverá também o hábito de cada família na sua nave espacial ir passar o fim-de-semana a Marte ou a Vénus.

O homem aperfeiçoará o seu espírito prático e substituirá os majestosos aranha-céus de hoje por casas volantes, teleguiadas e providas de radar que se poderão estacionar em qualquer parte.

Os transportes por terra ficarão desactualizados porque todas as comunicações se farão quase exclusivamente por ar e por mar.

Enfim, um paraíso de comodidades que havemos de desfrutar se Deus quiser.

TERRA-LUA EM 48 HORAS

— garante o António Alfredo de Magalhães Garcia

No ano 2000, as rotas aéreas não serão só limitadas a viagens de país em país, de continente em continente, mas sim de planeta em planeta.

Eu penso que dentro de 39 anos, ou seja no ano 2000, já se tenha chegado à Lua, a Vénus e a Marte, e se tenha ali instalado grandes bases onde a vida será como na Terra.

Nesse tempo, o avião será substituído pelos foguetões que andarão ao quadruplo da velocidade dos mais rápidos aviões de hoje.

Quando aos foguetões interplanetários, estes serão propulsores por motores atómicos, fazendo o trajeto Terra-Lua em 48 horas.

Os campos de aviação serão, como era de esperar, maiores, mas em vez dos foguetões serem lançados por cima da pista, serão lançados por umas grandes aberturas feitas no solo por causa do escape dos motores.

António Alfredo de Magalhães Garcia
Idade: 11 anos
2.º ano, no Liceu de Camões

A CIDADE DO FUTURO

— tal como a vê o Diogo Quintela



É muito difícil prever o que será o ano 2000. Realmente, dum momento para outro, pode-se dar uma reviravolta súbita, que em poucos anos modificará todas essas previsões, as previsões que eu faço e que

muita gente faz. Realmente, quando nós fazemos as previsões para o ano 2000, recorremos a coisas já descobertas e que se pensa que ainda se podem inventar (não quero aqui que me toquem por um pessimista, mas estou a procurar ser o mais sincero possível). Mas, como sou como os outros, vou meter-me a prever várias coisas para o ano 2000.

As cidades do futuro terão uma tranquilidade relativa. O tráfego de automóveis será eliminado. (Subentende-se que os carros eléctricos também...). A cidade em si poucos habitantes terá: todos os magníficos edifícios serão ocupados pelos grandes escritórios ou laboratórios. As casas de habitação estarão situadas a pouca distância da cidade e serão servidas por óptimas estradas. Os carros ficarão às portas da cidade: daí para diante os felizardos utilizarão os «metros» ou comboios aéreos que circularão dentro de tubos, podendo ainda usar-se uns helicópteros que aterrarão em «heliportos», isto é, aeroportos para helicópteros. Os passageiros que descerem dos helicópteros não têm necessidade de vir cá abaixo, à rua: os prédios estarão ligados entre si, formando uma segunda rede de ruas a uma altura bastante grande. Mas é preciso não esquecer aqueles que saírem dos «metros» ou dos comboios aéreos; para esses tem de se inventar um maquinismo para a sua comodidade. Qualquer coisa parecida como esta: tapetes rolantes. Sim, tapetes rolantes que serão formados por três faixas que andarão a velocidades diferentes: uma andarà a 7 km horários, outra a 20 km, finalmente outra a 40 km. A noite, outra grande inovação irá beneficiar os nossos filhos: um sol artificial; a certa distância será colocado um balão, imóvel, equipado com um espelho. Cá de baixo, poderosos holofotes colocados na periferia da cidade, projectarão uma luz intensa sobre o espelho que, por sua vez, a reflectirá em direcção à cidade. Assim desaparecerão as «mil luzinhas das cidades»: será como se todas essas luzinhas se tivessem junto numa única. E, agora, resta aguardar que o tempo nos poupe e que possamos ver esta maravilha e, quem sabe, gozã-la...

Diogo Tomás Teixeira de Mesquita Quintela
Idade: 13 anos
3.º ano, no Liceu Normal de Pedro Nunes.

CONCURSOS DO «FOGUETÃO» — RESULTADOS DA 3.ª ETAPA

Na terceira semana do nosso concurso, a etapa foi ganha por **LUIS JOÃO SILVA MATEUS**, de Orlhão, que se colocou à frente do pelotão dos cinco concorrentes que atingiram 20 PONTOS! E à frente, por duas razões: a sua resposta foi das primeiras a entrar na nossa redacção, e a sua definição da palavra misteriosa foi considerada a melhor. Aqui a reproduzimos:

GUMARÊS: Cidade portuguesa do Norte do País, gloriosa pelas suas tradições; berço da nacionalidade e terra natal de D. Afonso Henriques.

Três livros policiais foram já enviados ao Luis João da Silva Mateus.

Os seus companheiros de pelotão, que alcançaram, como ele, 20 PONTOS, foram:

Pedro Coral Costa, António Oliveira Moniz Barreto, H. de Albuquerque, F. C. I. e Betty.

Outros resultados — concorrentes com classificações superiores a 10 PONTOS:

19 Pontos
António Manuel Jerónimo Rodrigues, João Manuel Macedo

dos Reis, Carlos Eduardo Machado, José Augusto Mendonça, Jorge Alves Nunes do Valle, António de Faria Cardoso Lima, Rui António Barros e Costa, Luis Pedro Marques Ribeiro Reis, Emanuel de Jesus da Cruz, Vitor Manuel Duarte Torres, António Augusto Tavares Fernandes, Luis Alberto Gouveia Monteiro Forte, Lhedo Gido, Carlos Eduardo Valgado, Inspector Ramon, Vasco de Azevedo Moura, Manuel Alberto dos Santos, João Manuel de Freitas Henriques, Manuel Matias Rodrigues de Oliveira, Carlos Alberto Gil Moreira, Inspector Yard, Eduardo Manuel Baptista da Silva, Henriques Manuel Barreto Nunes, Alfredo Manuel Montezuma Carvalho Santos, Luis Filipe Ataíde Rodrigues Dias, Fernando Ferreira Gaspar, Gonçalo José Pires de Carvalho, João Manuel Martins Sol, Carlos Manuel Serrano Santos, Jocar, Linda e Joaquim Fernando Corção Duarte.

18 Pontos
António Manuel Bizzaro Freitas Vilar, Magratojo, Reporter Especial, Carlos Manuel Branco Lisboa, João Manuel Branco Lisboa, Maria Teresa Casenave,

José Maria Santos Oliveira Machado, José Pedro Calheiros, Pedro Duarte Rodrigues, Vitor Manuel Mateus Gomes, Francisco José de Melo Vitorino, Arnaldo Jorge Cruz Costa, Eduardo Jorge de Sousa Calhau, João do Nascimento, De Factus, Jorge Manuel Metello, Fernando Alberto Correia Malheiro da Silva, António Alberto Pinto da Silva, Carlos António Marques da Silva, Licínio Manuel Mendes de Carvalho Coelho, A. H. de Oliveira, Carlos Alberto Rodrigues Camarate, Carlos Alberto Zany Pampulin Caldeira, Fernando Augusto Portela Panão, Maria Margarida Guedes de Campos Salvado Pires, Pedro Dário Valente de Almeida, José Soares de Almeida Ribeiro, Alvaro Marques Ferreira, Carlos António Cardoso, Jorge Alberto Cunha Serra, Inspector Falcão, Maria Ema Brandeiro Ferreira, António Artur Tavares de Lemos, Arnaldo M. Nazaré, Carlos José Andias da Silva Carvalho, Nuno F. Pires e Alberto Arons de Carvalho.

17 Pontos
José Ricardo F. Pedroso Botas, João Manuel das Neves Azevedo, João de Passos Fonseca Viei-

ra, Amadeu Augusto Praça de Almeida, Fernando Pereira da Silva, Diogo Tomás Teixeira Mesquita Quintela, Fernando Lima Simões, José Domingos Rodrigues Nascimento, Alexandre Campos Romeiras, Augusto Pans Damásio, Mário Nunes dos Santos, Zé Quim, Artur Bernardes, Amândio António S. da Cunha, António Manuel Tavares de Figueiredo e Silva, Fernando Martins Henriques, Vitor José Martins de Oliveira, José Manuel Marques Ribeiro Faria, Augusto da Silveira Basto Costa e Tomás António Feijó.

15 Pontos
José Manuel G. de Oliveira.

14 Pontos
Galhossa e Guilherme Dinis Moreno da Silva Arroz.

13 Pontos
Rui Carlos Correia Vieira e António Alberto dos Santos Ramalho.

12 Pontos
Vitor Mendonça.



O ENIGMA CHINES

Romance de YVES DUVAL
Ilustrações de EDOUARD AIDANS

UM GRANDE ROMANCE DE MISTÉRIO E AVENTURA

Julgando que Li-Fang o poderá ajudar a descobrir o chefe do bando que cobija o estatuto de Buda, Buster vai procurar o chinês ao «music-hall» onde este se exhibe...

ONDE BUSTER SE VÊ EM APUROS

Vivamente, Li-Fang empurrara Webb para a janela: — «Fuja por aí... Há uma escada de incêndio que dá para a saída de emergência... Amanhã às 8 da manhã... nos banhos a vapor chineses...»

Assim que o rapaz desapareceu, o Filho do Céu dirigiu-se em passo calmo para a porta do camarim e abriu o ferrolho. Nel Molsen entrou, seguido de Jim, que esfregava ainda a cabeça.

— Sabe, Mr. Fang — começou Molsen — que o nosso campeãozinho esteve esta noite aqui mesmo no teatro? O pobre Jim tinha conseguido deitar-lhe a mão e ia levá-lo ao meu gabinete, quando foi agredido com...

— Com o saco de areia que serve de contrapeso ao cenário. Sei perfeitamente, porque fui eu próprio o autor desse notável knock-out! — O senhor?!... Então agora encarna-se contra os seus próprios homens? — Que remédio, quando eles são demasiado estúpidos para me compreenderem e me ajudarem! — Confesso que desta vez... — Não lhes tenho repetido mil vezes: nada de violências inúteis, nada de escândalo? Quando é que compreenderão que o cérebro não está nos punhos? — Então e os microfilmes?

a estas horas, é para ler os jornais. É uma distração... E tu, que notícias me trazes?

— Vi esta noite o Li-Fang no «music-hall»... O criado chinês de Nel Molsen... Sabe?

— Mas que faz ele no «music-hall»?

— Naturalmente procura ganhar mais qualquer coisa... Exibe-se num número de lançamento de facas.

— Oh! Oh! Bonita habilidade para um serão de família!

— Não brinque! Essa habilidade foi-me hoje muito útil... Mais uma vez o chinês me desembaraçou de um dos ajudantes de Nel Molsen.

— Esta noite ao jantar deram-me lagosta... Está a pesar-me um pouco no estômago. Vou fumar o meu cachimbo lá para fora, a ver se faço a digestão. Boa noite!

No dia seguinte, quando Buster saiu para se dirigir aos banhos chineses, já Bill Vernon não estava no hotel. Li-Fang esperava-o à porta do estabelecimento.

— Entremos depressa! — disse — É melhor não nos verem juntos. Ontem à noite, no «music-hall», tive um trabalho para convencer Nel Molsen de que você não entrara no meu camarim. E agora é de recar que me vigiem tanto como a si...

Subiram ao andar onde ficavam os estufos.

— Este senhor vem comigo — disse o chinês ao banheiro — Enquanto nos despiamos, manda pôr uma segunda mesa no minha cabina de costume. Temos que conversar.

Os dois companheiros envergaram amplos roupões e estenderam-se nas mesas da pequena cabina, onde reinava uma temperatura de estufa.

— Vejamos... Que deseja, afinal, de mim? — perguntou Li-Fang.

— Já ontem lho disse: o nome, ou, pelo menos, os sinais exactos do verdadeiro chefe do bando.

— Estou convencido de que é Molsen. É claro que ele não vai contar ao criado todos os seus assuntos. Mas eu é que não ando a dormir e, por vezes, os cavalheiros falam à vontade na minha presença. Tenho a certeza de que são traficantes de drogas...

— Não é isso! — tornou Buster. — Deve haver mais qualquer coisa. Essa história do Igor em que ontem lhe falei por alto... Este Buda... Pois, no fundo, parece que se trata de uns microfilmes...

— É perigoso uma pessoa meter-se num negócio desse género. Cheira a espionagem... O seu famoso Igor não será, por acaso...

— Ah! Cêes! — bradou nesse instante o rapaz. É que, ao deixar pender o braço ao longo da mesa, sentira debaixo dos dedos um fio revestido de plástico. A cabina estava tão cheia de vapor, que não se distinguia um objecto a dez centímetros de distância. Buster percorreu o fio com os dedos. Sob o tempo da mesa sentiu uma caixa redonda. Com um gesto seco, arrancou-a, quebrando o fio.

— Veja, Li-Fang... Razão tinha você em desconfiar. Os nossos «gangsters» colocaram sob o tempo da sua mesa habitual este microfilme!

— Eu não lhe dizia? — resmungou o chinês, erguendo-se. — Já não estamos seguros em parte alguma. Vamo-nos vestir e saíamos daqui quanto antes!

NA PRÓXIMA SEMANA:

ACASO, DEUS DAS POLÍCIAS

ENQUANTO SE PREPARAVAM PARA A ATERRAGEM, PARTIRIA À FRENTE COM FOGUETE!

EU TAMBÉM VOU, CAPITÃO!

ÓTIMO, GENERAL! NÓS DOIS ESTAMOS BEM. ENQUANTO FOGUETE VAI BUSCAR A PROFESSORA VEGA E OS NOSSOS AMIGOS LEX E TEMSI!

TERÃO TUDO QUE FOR PRECISO!

CONTINUA

O SOL NEGRO

RESUMO DOS NUMEROS ANTERIORES

O célebre detective Valente e o jovem repórter fotográfico Janeca procuram desvendar o mistério que envolve o acidente acontecido a um amigo de ambos, o jornalista Marchand. Alguns estilhaços de vidro dão-lhes uma pista que se dispõem a seguir.



«DAU... BIDET... BIDON... BISORNAT... BIGOT... BILLE... BINOCHE... CADA VEZ MELHOR!»

«NAGAMOURA, ISTO PARECE JAPONÊS???»



«ORA VAMOS LÁ A VER NO ANUÁRIO RIO...»

«SE É UM VIDRAÇEIRO QUE O SENHOR PROCURA, NÃO HESITE VÁ AO LAFONT... MAS AGORA NÃO DEVE ESTAR NA LOJA...»



«PASSOU AQUI HÁ COISA DE UMA HORA, PARA IR COLOCAR UM VIDRO... BOM... EU NÃO TENHO INTERESSE NISTO... MAS COMO O OUVI FALAR EM VIDRAÇEIRO...»

«ORA ISSA! MUITO OBRIGADO!»



«VÊ AQUELA ENCRUZILHADA À DIREITA? SIGA EM FRENTE DURANTE TRÊS QUILÔMETROS E ENCONTRA UMA CASA À ESQUERDA, UMA DESTAS CASAS ESQUISITAS COMO AGORA FAZEM...»



«É DE UNS PARISIENSES QUE COSTUMAM CÁ VIR PASSAR OS FINS DE SEMANA...»



«É MUITO AMÁVEL, VAMOS VER SE ENCONTRAMOS O SR. LAFONT...»

Depois de terem agradecido ao loquaz taberneiro, os dois rapazes meteram-se de novo no carro e partiram na direcção que lhes fora indicada. Ao fim dos três quilómetros de estrada...



«É AQUILÁ ESTÁ A FURGONETA DO TAL LAFONT...»



«QUE CASA ESQUISITA?»

«CONTINUEMOS DEBAGAR, COMO SE FOSSEMOS DESPREZADOS PASSEANTES...»



«DAQUI PODEMOS OBSERVAR TRANQUILAMENTE, ASSIM QUE O LAFONT SAIR, FINGIMOS QUE VAMOS PEDIR QUALQUER INFORMAÇÃO...»



«LÁ SE VAI ELE EMBORA!»



«DESCULPE, PODE DIZER-NOS ONDE FICA A VIVENDA MARISA?»

«NÃO SEI... NÃO CONHEÇO... DESCULPE... COM LICENÇA!...»

O PLANETA DESCONHECIDO

CONTINUAÇÃO DA CAPA



ENQUANTO A GRANDE ASTRONAVE RETROCEDE PARA ESCAPAR À ACÇÃO DA FORÇA DE GRAVIDADE DO PLANETA, O CAPITÃO MARTE DIRIGE OS PREPARATIVOS PARA A FASE FINAL DA JORNADA!



FELIZ TERÇA-GEEM, GENERAL!



DR. GALILEU, PRECISAMOS DE ARMAS E MANUTENIMENTOS!



JÁ CÁ VOLTAMOS A BUSCÁ-LOS!



«MAIS TRÊS... TENHO PENA DE NÃO O ACOMPANHAR, CAPITÃO!»



«BOA SORTE!»



«ADEUS, AMIGOS! TORNAREMOS A ENCONTRAR-NOS NUM NOVO MUNDO!»



«VÃO DIZEREM DE ACOMPANHAR AS EMOCIONANTES AVENTURAS DO CAPITÃO MARTE NO PRÓXIMO NÚMERO!»

— Mas você supõe que o rapaz veio para aqui passar com os microfilmes na algebeira? É e no momento em que eu consigo ganhar-lhe a confiança que vocês estragam tudo! Compreendam de uma vez para sempre! O rapaz é confiante... Parece mesmo ignorar ao certo para quem trabalha... Mas isso não quer dizer que seja estúpido. É preciso apañá-lo pela astúcia, porque só por intermédio dele poderemos descobrir o que a Polícia sabe ou não sabe... Julga-me seu auxiliar e não seu amigo. Por isso veio esta noite pedir-me que o ajudasse a descobrir o verdadeiro chefe do nosso grupo. Dando-lhe, como acabo de fazer, oportunidade de fugir pela janela, ganho-lhe a confiança. Amanhã deixará de ter segredos para mim. E, assim, não desespere de encontrar finalmente a pista que nos conduzirá de novo aos preciosos microfilmes perdidos...

Enquanto no camarim do «Varietés» o astucioso chinês expunha o seu plano aos cúmplices, Buster, correndo pela rua das trazeiras, acabava de entrar na avenida principal. Fez-se transportar de taxi ao hotel Star, onde sabia que podia entrar em contacto com Bill Vernon. Como pouco passava das 22 horas, o amigo de Igor ainda não devia estar deitado.

De facto, Buster foi encontrá-lo no quarto, em pijama, ocupado a lavar energeticamente os dentes. A sua famosa maxila pareceu ao rapaz ainda mais temível do que habitualmente.

— Desculpe se o venho incomodar tão tarde, sr. Vernon — disse — Não te desculpes, meu rapaz. Nunca adormece antes das duas da madrugada. Se vou para a cama

Foi graças a ele que pude fugir pela escada de salvação e chegar aqui... — E parece-te que podemos na verdade fiar-nos nesse asiático? Acho que dá provas, para com o amo, de uma audácia que toca as raias da temeridade.

— Li-Fang é manhoso como uma raposa. Os outros não dão por nada. O honrado homem detesta cordialmente aqueles brutos de quem se serve para ganhar a vida.

— Pela minha parte não estou tão persuadido disso como tu.

— Ora vamos! O que justifica o seu cepticismo? Que interesse três Li-Fang em me ajudar por teria vezes?

— De facto... Confesso que ainda não compreendi... Estou à procura.

— Por mim, penso que Li-Fang há-de saber muita coisa acerca do bando. Alídis, devo encontrar-me com ele amanhã, às oito horas. Sabe para que lado ficam os banhos de vapor chineses?

— Com certeza! É na Praça La Fayette, mesmo ao lado da piscina descoberta. Já lá fui algumas vezes. Esses banhos de vapor são, na verdade, formidáveis para uma pessoa se conservar em forma.

— Estou bem precisado deles! Se soubesse que cansado me sinto depois destes dois dias de emoções! Espero que aqui no hotel haja ainda um quarto livre. Estou a cair de sono. Era capaz de dormir uma semana inteira...

— Nada de brincadeiras! Vá lá não faltas ao teu encontro de amanhã. E trata de fazer falar o chinês o mais possível, mas conserva-te circunspecto.

— O. K. Conte comigo... O quê? Vai vestir-se outra vez? Vai sair de novo?



o Ku Klux Klan NÃO MORREU!

Mas... — dirão algumas pessoas — o Ku-Klux-Klan já não existe há anos! Engano, puro engano!

Se bem que a grande maioria dos americanos desaprove os seus manejos, o Ku-Klux-Klan continua a manobrar na sombra, na sombra onde sempre viveu e manobrou.

O Ku-Klux-Klan não é a América, muito longe disso! Aliás, o fanatismo é sempre obra de um grupo político ou religioso. O Ku-Klux-Klan representa pois, nos Estados Unidos, uma ínfima minoria de alucinados.

Mas o que é, ao certo, o K. K. K.? O movimento desenvolveu-se no decorrer do século XIX. Pretende-se que o seu nome, Ku-Klux-Klan, é a onomatopéia do ruído provocado pelo carregar uma espingarda. Para começar, nada tem de tranquilizador... E qual é a finalidade de tal associação? Proteger as «liberdades americanas» ou seja, em linguagem franca, defender a raça branca dos Estados Unidos contra os negros.

O movimento de perseguição ao negro começou depois da Guerra da Secessão, quando os Nortistas vencedores estabeleceram no Sul um regime que garantiu aos negros direitos semelhantes aos dos brancos. Os Sulistas, para os quais o negro tinha até então sido por assim dizer a base da vida — criado, cozinheiro, ama, trabalhador rural, escravo, moleque, e bode espiatório do mau humor do patrão — ficaram furiosos. Os próprios negros, habituados como estavam à situação, ficaram a princípio sem saber que fazer à sua liberdade novinha em folha. Uma reviravolta da situação, operada assim, de um dia para o outro, parecia utópica. E é justo dizer-se que muitos brancos possuidores de escravos os tratavam com bondade. Para estes, a situação em pouco era alterada.

Mas houve fanáticos cruéis que não aceitaram a derrota do Sul e juraram lutar contra os negros, onde quer que eles estivessem.

Em breve a ideia — como sempre sucede com as ervas daninhas — alastrou. O negro era um intruso, um estrangeiro. O Ku-Klux-Klan combatia pela liberdade! E desde sempre esta espécie de campeões da liberdade começou por tirar a liberdade aos outros. Estranho paradoxo, que a cada passo se verifica...

É costume dizer-se que o tempo ajuda a acalmar. Mas com os adeptos do Ku-Klux-Klan não sucedeu assim. O seu programa continua a ser negativo: luta contra a gente de cor, contra os católicos, contra os judeus.

A história do movimento K. K. K. é demasiadamente longa para ser contada em poucas linhas, mas podemos dizer-lhes desde já que toda ela se baseia na clássica perseguição religiosa e racial.

Os membros da seita reúnem-se em sítios isolados, onde cravam no solo uma cruz a que lançam fogo. Os seus adeptos escondem o rosto com o capuz branco cuja imagem se tornou célebre em todo o mundo. O chefe recebe o título de Grande Dragão. Depois, vêm os grandes Tirãs, chefes regionais, e em seguida os chefes locais, os Klaliff, os Klokkard e os Kludd... Estes nomes patuscos e misteriosos dão à seita o carácter secreto, indispensável para impressionar os espiritos.

Mas como isso não basta, todas as actividades do K. K. K. são, na verdade, sinistras. O Ku-Klux-Klan, paladino da liberdade... quer obrigar toda a gente a ser da sua opinião. E para tal não recua perante qualquer violência... Ou aceita a liberdade... ou mortes!!!

Por vezes, nos «tempos áureos» da seita — não será esquisito chamar-lhes assim? —, os seus adeptos metiam-se em camiões e iam por aí fora invadindo povoações e atacando os negros. Em certas regiões, a população recebia cartas ameaçadoras, como sucedeu há anos em Tabor-City. Aterrorizados, os habitantes armaram-se até aos dentes, dispostos a resistir. Mas o K. K. K. era mais forte. Quem se pusesse ao lado dos negros, via as suas casas destruídas, as suas culturas incendiadas. Aquela pobre gente aprendeu então a conjugar o verbo «to be kluxed»...



A ARMADILHA DIABÓLICA

por E. P. JACOBS

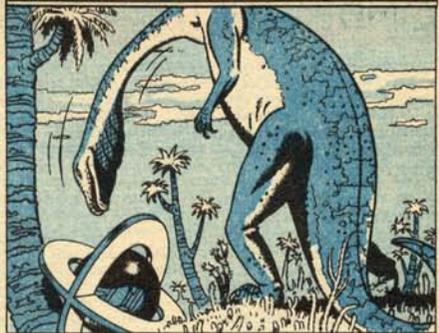
VENDO TAL, MORTIMER MERGULHOU PRECIPITADAMENTE POR ENTRE A VEGETAÇÃO, NO MOMENTO PRECISO EM QUE A CABEÇA DO MONSTRO DESCIA SOBRE ELE.



JÁ O NOSSO AMIGO SE JULGAVA LIVRE DE PERIGO, QUANDO UMA SOMBRA GIGANTESCA LHE PASSOU POR CIMA.



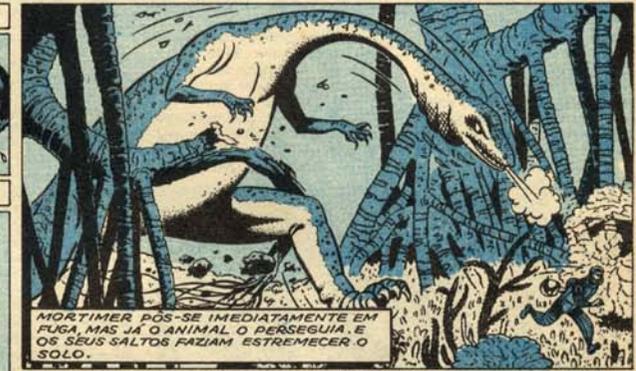
LEVANTANDO A CABEÇA, COMPREENDEU QUE O SER MONSTRUOSO QUE ACABAVA DE PASSAR SEM O VER ERA UM PLATEOSAURIO, QUE SE PÓS A FAREJAR O CRONÓSCAFO.



ENTÃO, O INFELIZ PROFESSOR NÃO PODE REZER UM GRITO.



SURPREENDIDO, O MONSTRO VOLTOU A CABEÇA E DESCOBRIU-O.



MORTIMER PÓS-SE IMEDIATAMENTE EM FUGA, MAS JÁ O ANIMAL O PERSEGUIA, E OS SEUS SALTOS FAZIAM ESTREMECER O SOLO.

...VIU FUGIR-LHE O CHÃO E OULOU POR ENTRE AS RAÍZES DE UMA ERVOSA SERRATA.



FURIOSO, O PLATEOSAURIO TENTOU ARRANCAR-LO DALÍ. DEPOIS, VENDO A INUTILIDADE DOS SEUS ESFORÇOS, PÓS-SE A DESTRUIR TUDO EM REDOR...



...FAZENDO DESABAR ENORMES MASSAS DE TERRA.



MEL DEUS! VOU FICAR SO-TERRADO!



«Have you been kluxed?» — perguntava-se ao vizinho. O que queria dizer: — «Você já foi kluxado?» ou, em linguagem corrente: «Já recebeu alguma carta de ameaça?»

Felizmente, em 1952, o F. B. I. entrou em acção. Se o não fez mais cedo, o caso explica-se.

A lei previa que essa polícia só podia intervir em casos graves de rapto ou

assassínio de negros. Os homens do K. K. K. eram espertos. Quando a polícia local chegava aos pontos onde tinham realizado as suas malfetorias, já eles haviam atravessado a fronteira...

Em breve, porém, as suas selvagens ultrapassaram os limites e a polícia federal entrou em acção.

Hoje, graças à intervenção do F.B.I., a luta contra o crime é levada a sério nos Estados Unidos. O linchamento,

que tão má reputação criara aquele país, está em nítida regressão.

A opinião pública, o homem da rua, condena sensatamente o fanatismo e o ódio racial.

O Ku-Klux-Klan encolheu as garras. Esperemos que alguém lhes corte definitivamente. Um movimento tão cego tão desumano, não tem direito a sacrificar a liberdade alheia às suas absurdas e cruéis concepções de liberdade.

A ESTRELA DA SEMANA SHIRLEY MAC LAINE

A ficha biográfica da artista que hoje lhes apresentamos é simples e clara:

Nome artístico: Shirley Mac Laine
Nome verdadeiro: Shirley Mac Laine Beaty
Data do nascimento: 24 de Abril de 1934
Estado: Casada.

Tinha três anos e já estudava «ballet». Aos quatro recitava no teatro. Esta precocidade artística explica-se facilmente: os pais, um chefe de orquestra e uma actriz teatral, encaminhavam-na para o mundo em que sempre tinham vivido. Mas, como pessoas práticas e sensatas, queriam também que a filha estudasse a valer. Assim, matricularam-na numa das melhores escolas de Washington, onde Shirley se tornou desde logo muito popular pela sua simpatia e pelo êxito que sempre alcançava nas récitas do fim do ano.

Os filmes de Shirley Mac Laine já exibidos entre nós são, entre



outros: «A Volta ao Mundo em 80 dias», «O Terceiro Tiro» e «Can-Can».

Em breve estaremos com ORSON WELLES



Quantas pessoas são capazes de se aproximar de um animal sem o espantar? O que importa não é que a pessoa se aproxime vagarosamente: é que o faça silenciosamente. O traje da pessoa deve ser semelhante na cor ao ambiente, e, como os animais têm um olfacto muito apurado, a aproximação deve fazer-se contra o vento. Tudo o que mexe é imediatamente notado pelo animal. Portanto, só se deve avançar quando ele não estiver a olhar na direcção em que a pessoa se encontra. Nada de fixar o bicho nos olhos, senão ele assustose e foge. Quanto as máquinas fotográficas ou quaisquer objectos brilhantes, é escondê-los cuidadosamente...

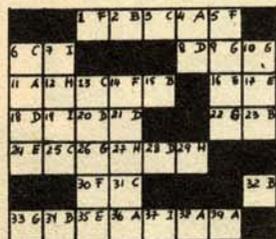
CLUBE DO MISTÉRIO



POLICIGRAMAS

Segundo Stern, a inteligência é a capacidade geral do indivíduo para ajustar conscientemente os seus pensamentos a novas situações. Pois nós pretendemos apresentar-lhes hoje um novo jogo de raciocínio para pôr à prova as inteligências dos membros do «CLUBE DO MISTÉRIO». Vão nascer aqui os «POLICIGRAMAS» e esperamos que este novo entretenimento seja do inteiro agrado de todos. São os desejos sinceros do

«INSPECTOR VARATOJO»



Ninguém nasce ensinado! Não levem, portanto, a mal que procuremos explicar minuciosamente, e com um exemplo, de que trata este novo exercício intelectual. Num quadrado género «problema de palavras cruzadas», surgem alguns quadrados negros e outros com números e letras. Sob esse quadrado são colocadas algumas letras correspondendo a outras tantas definições com sinónimos de tantas letras quantos os traços que estão à frente de cada uma delas com números por baixo. Por exemplo, à frente da letra «A» estão cinco traços com os seguintes

números por baixo: 4, 36, 11, 38 e 39 que correspondem a uma palavra que significa: «Especie de cimento, feito de cal, areia e saibro».

Ora esta especie de cimento, com cinco letras, é «BETÃO».

Quer dizer, no quadrado que tem o n.º 4 colocamos um «B», no n.º 36 um «E», no n.º 11 um «T», no 38 um «A» e no 39 um «O».

Hão de reparar que em todos esses números está a letra «A» a referenciar que todos esses números correspondem a letras da palavra sinónimo da — chamemos-lhe assim — pergunta ou alínea A.

Mas vejamos ainda mais um exemplo:

B = — — — — —

34 15 2 32 23
«Porção de mar que entra pela terra e cuja abertura é muito larga, com cinco letras também.»

A resposta seria «GOLFO» e então teríamos:

B = G O L F O

34 15 2 32 23
Logo, no 34 pomos um G; no 15 um O; no 2 um L; no 32 um F, e no 23 um O.

E assim sucessivamente.

Depois de todas as letras solucionadas, encontraremos no quadrado uma frase com sentido, sendo as separações de palavras feitas pelos quadrados negros. Avisamos ainda que as palavras podem continuar de uma linha para a outra sem sequer haver separação de sílabas.

Agora, se quiserem, tentem resolver primeiro o exemplo, mesmo antes de verem a solução e depois, já mais experimentados, atirem-se ao primeiro problema em cuja solução vão encontrar uma frase dum conto do autor do PADRE BROWN, o grande GILBERT KEITH CHESTERTON, e que publicaremos na próxima semana.

A — Especie de cimento feito de cal, areia e saibro.

A = — — — — —

4 36 11 38 39

B — Porção de mar que entra pela terra e cuja abertura é muito larga.

B = — — — — —

34 15 2 32 23

C — Barulho.

C = — — — — —

13 3 25 6 31



- D — Parte do vestuário para enfiar o braço.
- D = — — — — —
- 8 21 20 18 28
- E — Lente biconvexa que aumenta muito os objectos.
- E = — — — — —
- 24 35 16 17
- F — Deixei.
- F = — — — — —
- 1 5 30 14
- G — Pássaro dentirrosto.
- G = — — — — —
- 22 9 10 26 33
- H — Regra. I — Irmão do pai.
- H = — — — — —
- 29 12 27 37 19 7



HERANÇA COMPLICADA



Entre as colossais heranças com as quais sonham certas pessoas que usam o nome de um riquíssimo cidadão, morto sem deixar testamento, existe uma, a herança Dumas, que por muito tempo agitou os tribunais franceses.

Benoit Dumas, que foi um dos primeiros colonizadores da Índia, deixara a fortuna ao seu irmão que se chamava igualmente Benoit Dumas, falecido em 1777 em Paris. A sua fortuna, sendo das mais consideráveis da França de então, foi disputada até mesmo pelo rei.

Um homem de negócios chamado Pelliot falsificou vários documentos de identidade, entre eles o atestado de casamento dos pais de Dumas, para demonstrar que este se chamava Benoit e não Dumas como nome de família. A manobra foi descoberta e Pelliot condenado às galés. O rei, então, ficou com a herança, dividindo-a entre oito personagens, inclusive o duque de Orleans, seu irmão.

Em 1925, porém, um tal sr. Dumas, de Baiona, reclamou do Estado essa herança. Compareceu nos tribunais franceses e defendeu os direitos que alegava, gastando milhares de francos com a causa, sobretudo com os documentos que teve de mandar copiar nos Arquivos de Paris.

deu resultado algum; a mão direita de Lastin forneceu-me finalmente o portmenor que eu procurava. — Que está fazendo? — exclamou o Comissário. — Encontrei impressões digitais no espelho? — Não, Comissário. Estou apenas a verificar um indício que me prova a culpabilidade do mecânico despedido.

Dize-nos, leitor: em tua opinião qual é o indício que acusa o mecânico?

O ASSASSINO DORMIA (SOLUÇÃO DO N.º ANTERIOR)

Wolf afirmava que, imediatamente após a saída do criado, tinha adormecido e só acordara à chegada da Polícia. Era mentira. Com efeito, às oito horas o criado despejara os cinzeiros. Ora, no cinzeiro colocado junto da cama, havia várias pontas de cigarros. Por consequência, Wolf fumara esses cigarros depois das oito horas, prova de que não dormia, ao contrário do que tinha pretendido para obter um alibi.

DISTRACÇÃO

Quando o comissário Maigret procura resolver um enigma policial, puxa pelo seu cachimbo. A densidade das espirais de fumo azul é proporcional à concentração dos seus pensamentos. Outras pessoas, porém, ao contrário, são incapazes de fazer as duas coisas ao mesmo tempo; quando pensam apagam o cachimbo. Este é o caso do célebre físico Niels Bohn, prémio Nobel em 1922, membro de 40 academias e sociedades científicas, doutor «honoris causa» de 29 universidades. Quando fez 75 anos, os seus alunos ofereceram-lhe um grande saco de fósforos, pois o célebre físico é de uma distração legendaria: não pode concentrar-se nos problemas atómicos sem deixar apagar o cachimbo. Agora o próximo problema dele é não se esquecer também da sua provisão de fósforos...

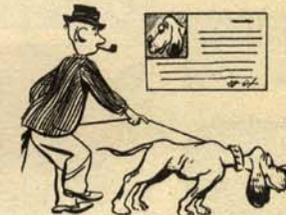
ÓSCAR E O CONTRABANDO DE CIGARROS



As autoridades da prisão de Sant'António do Texas achavam-se num tremendo dilema. Investigavam de todas as maneiras possíveis, mas não conseguiam descobrir como os presos encarcerados no «segredo» conseguiam arranjar cigarros. Muito embora as pesquisas fossem minuciosas, nada se apurava.

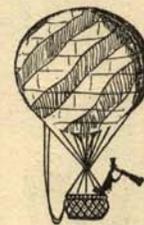
Coube a glória da descoberta a um reporter de «A Luz», de Sant'António, porque contou com a colaboração de um preso que havia saído pouco antes do presídio. Segundo os conselhos do ex-sentenciado, e com a autorização oficial, o reporter colocou-se de vigia num dos escuros corredores. Já de noite, tudo era silêncio, quando ouviu um ruído distante; notou também que, à medida que o ruído se aproximava, uma luzinha aproximava-se também. Quando a luzinha estava perto, o jornalista riscou um fósforo e pôde então perceber que era um besouro negro, dos grandes. Nas costas do insecto, seguro por um pedacinho de fita gomada, vinha um cigarro. Quando o besouro chegou às celas «solidárias», certa mão recolheu-o e tirou o cigarro, soltando o insecto que voltou por onde viera.

O preso, surpreendido em flagrante, confessou. Havia treinado o besouro, que se chamava Oscar, e era um «técnico» naquela modalidade de contrabando. Durante o dia, Oscar ficava na sua pequena cela de papelão. O preso e o «Oscar» tiveram publicidade pois «A Luz» de Sant'António publicou uma fotografia de Oscar transportando um maço completo de cigarros...



NOVO TIPO DE CARTÕES DE IDENTIDADE

O Ministério da Agricultura grego publicou uma lei segundo a qual, todos os cães de caça têm de possuir um cartão de identidade com a respectiva fotografia.



VOLTA AO MUNDO POLICIAL

ALEMANHA



CUIDADO COM OS ESPIRROS

Um espirro pode originar uma catástrofe, foi o que ficou demonstrado em Hamburgo. Tão violentamente espirrou um indivíduo morador num terceiro andar, que o seu gato saltou pela janela, indo cair sobre a cabeça de uma senhora que conduzia um descapotável. A senhora começou aos gritos, matou um cão, roçou por vários transeuntes que se salvaram aos saltos e acabou por ir bater num camião. O engarramento provocado por tais factos durou três horas.



A VIRAGEM DA MORTE

— Em sua opinião qual será o vencedor? — perguntou o Comissário Esteves.

— Por mim, acho que Lambert Ray está a dominar a situação...

Na pista, sob um sol de chumbo, disputava-se o Grande Prémio da Europa, de velocidade. Vários campeões muito conhecidos participavam na corrida, que logo de início fora conduzida pelo francês Ray.

Da tribuna, eu seguia com o binóculo o bólido vermelho de Lambert Ray que, rugindo, se dirigia para a encosta muito a pique que conduzia à famosa «viragem da morte».

De repente, quando o carro entrava na curva, deu-se um golpe teatral: incapaz, ao que parece, de direitrear o veículo, Lambert Ray avançava para as balastradas.

O carro embateu na barreira de protecção, voltou-se e incendiou-se.

Duas horas depois, na clínica para onde fora transportado, Ray, felizmente fora de perigo, pôde responder às nossas perguntas.

— Que se passou?

— Recebi bruscamente uma especie de foco brilhante sobre os olhos — explicou o piloto. — E perdi o domínio do carro...

Fui com o Comissário até ao sítio conhecido pela «viragem da morte». Junto de uma árvore, descobri um espelho e cerca de trinta pontas de cigarros «Gaulenses». As pegadas no chão denunciavam a presença de um único homem.

— Compreende, Comissário? Lambert foi vítima de um atentado criminoso. Havia alguém aqui escondido, algum que se serviu deste espelho para captar os raios do Sol que depois projectou sobre o automobilista, no mo-

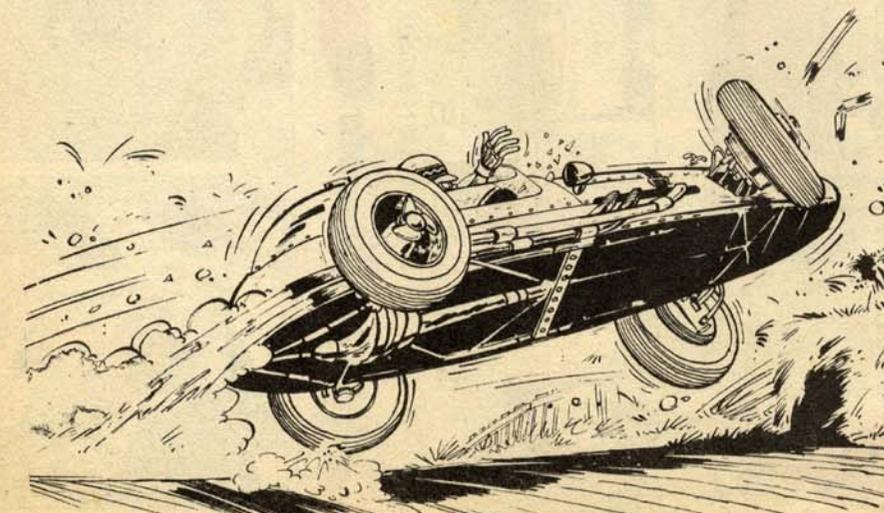
mento exacto em que este fazia a curva a mais de 150 à hora.

— Mas como descobrir o culpado? — perguntou o Comissário.

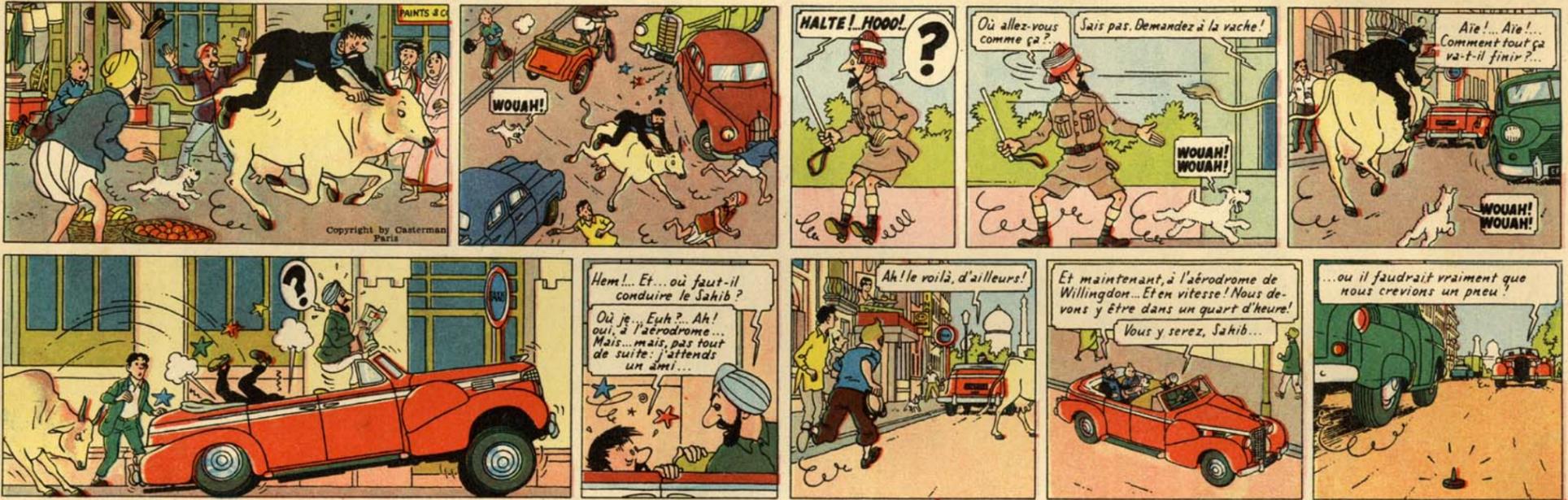
— É descobrir quem é que tinha razões evidentes para o suprimir...

Horas depois, um inquérito rigoroso demonstrava-nos que só dois suspeitos tinham tido ocasião material de realizar o atentado. Tratava-se de Marco Lastin, um mecânico que havia pouco Ray despedira por negligente, e do sul-americano Perez, piloto de categoria, mas pessoa sem escrúpulos e que detestava o francês. Ambos os suspeitos fumavam cigarros «Gaulenses».

Posto em presença de Lastin e de Perez, pedi-lhes que me mostrassem as mãos. O exame das mãos de Perez não



Tintin au Tibet



CAMPISTAS, ATENÇÃO ÀS DORES LOMBARES!

o colchão pneumático. Ora isto pode ter remédio. O colchão vulgar da cama cede nos pontos onde repousam as partes mais pesadas do corpo, que são as ancas e as espaldas. O colchão pneumático, feito de uma só peça, não opõe resistência ao peso das ancas e das espaldas. A coluna vertebral curva-se e produz as dores lombares.

Para remediar este inconveniente, seria preferível um colchão pneumático formado por quatro almofadas sobrepostas, conforme mostra a nossa ilustração.

Por vezes, acontece aos nossos amigos campistas saírem de manhã das suas tendas com dores lombares. E vá de acusar

Joe Cormentis em O RAPTO DA CIENTISTA



O ECO, UM BRINQUEDO DA NATUREZA

Quem não conhece o eco que, das paredes de um rochedo — por exemplo — responde ao nosso apelo? Quando se sabe que o som percorre 330 metros por segundo, é fácil de calcular a distância que nos separa do rochedo, tendo em conta — naturalmente — que o som deve percorrer duas vezes a distância, isto é, tem que fazer uma viagem de ida e volta.

Suponham agora que, num compartimento com duas paredes curvas, a maneira de um espelho convexo, se encontra um homem que, colocado à distância focal, diz algumas palavras em voz baixa, murmurando. Esse homem poderá ser distintamente ouvido por um outro colocado à distância focal, mas do lado oposto. As ondas de som encontram-se depois de terem sido refletidas pelas paredes.

O mesmo fenómeno se produz num compartimento em forma de elipse. À todas as distâncias percorridas pelas ondas são iguais e as paredes repelem-nas uma só vez. Estas duas espécies

O Enigmático drama dos Mamutes
mortos, gelados súbitamente em pleno verão

Há mais de um século que os cientistas se debruçam em vão sobre um mistério que, de facto, é de molde a fazer trabalhar as imaginações: o dos mamutes — esses gigantes animais pré-históricos — para os quais a solidão gelada da Sibéria setentrional se transformou num cemitério. Centenas de milhares desses animais desapareceram súbitamente há dez mil anos, numa razão tão severa que a espécie se extinguiu. Mas o mais estranho de tudo é que os pobres mamutes morreram congelados e, por vezes em pleno Verão. Muitos corpos frigorificados de mamutes têm sido descobertos num estado de conservação tão perfeita, que a sua carne ainda hoje é quase tão deliciosa — atenção, jovens gastronómicos! — como um bom bife de lombo de vaca...

Que terá podido causar a morte de tão grandes rebanhos? Como puderam ser congelados em plena estação quente? Como foi que o clima siberiano pôde modificar-se tão bruscamente? Como foi, enfim, que essa mudança se deu na Sibéria, numa época em que jazem cavalos, antílopes, bisontes, lobos, felinos gigantes e animais de pequena envergadura.

Desde tempos muito recuados que os homens conhecem a existência desse misterioso cemitério. As defesas dos mamutes — por vezes com três metros de comprimento! — forneceram marfim ao comércio asiático durante centenas, senão milhares de anos. Só de 1880 a 1900 foram recolhidos na Sibéria cerca de 10 mil pares de defesas! E, segundo parece, tais reservas estão longe de se esgotarem.

O mistério tornou-se mais denso quando, em 1901, foi descoberto

identificar as últimas plantas que comera: entre outras, havia feijões silvestres em plena floração, o que só acontece em Julho ou princípios de Agosto. A morte do mamute fora tão súbita, que ainda lhe encontraram na boca o último molhe de erva. Sem dúvida o animal fora surpreendido por uma força aterradora e arrastado para longe, muito longe das suas pastagens habituais. Uma das patas e a bacia estavam fracturadas. E fora assim ferido, de joelhos, que morrera gelado... na época mais quente do ano!

Um cientista americano, o Prof. Charles H. Hapgood, da Escola Normal de Keene, dispôs-se a estudar o mistério para dar aos leigos a explicação mais plausível. Em sua opinião, não foi o clima da Sibéria que mudou, foi toda a superfície da Terra que emigrou de uma zona climática para outra. Por outras palavras: as zonas da Terra jogaram os cinco cantinhos e trocaram os lugares... A Sibéria, que em tempos recuados teria sido uma região temperada onde cresciam ervas e flores, trocou o seu «cantinho» com a América do Norte, que por essa época era gelada. Resultado: a Sibéria esfriou repentinamente e a América começou a aquecer.

Os geólogos sabem hoje que sob a delgada crosta sólida da Terra se encontra uma camada semi-líquida. Se a «pele» da Terra fosse suficientemente «elástica», poderia a crosta deslizar sobre esse alicerce pouco consistente.

(Continua na pág. 8)

O NOSSO MUNDO E OS OUTROS... O QUE SE FEZ, O QUE SE FAZ E O QUE SE FARÁ NO MUNDO
APAIXONANTE DA ASTRONÁUTICA

AS ONDAS LUMINOSAS ULTRA-CURTAS SÃO INTERCEPTADAS PELA ATMOSFERA TERRESTRE APESAR DISSO OS POTENTES SÓDIO-TELESCÓPIOS RODEM REGISTRAR VESTÍGIOS DE ALTERAÇÕES OCORRIDAS NAS LONGÍQUAS GALÁXIAS HÁ MILHARES DE ANOS. IMAGINE-SE QUE RESULTA DO SE PODERMOS OBTER COLOCAR DO UM DESSES PARVULHOS FORA DA NOSSA ATMOSFERA.

ESTA ASTRONAVE DE DESENHO REQUISITO É A "SNOODER", APARELHO IDEAL PARA EXPLORAR AS REGIÕES DESCONHECIDAS DO ESPAÇO.

O PROJECTIL "POLARIS" É UMA DAS MAIS EFICIENTES ARMAS NOROCCIDENTAIS. É CAPAZ DE SER DISPARADO A UMA VELOCIDADE PRODIGIOSA, PRODUTIVA NO SEU INTERIORE UMA GRAVIDADE PARECIDA COM A DA TERRA.

UM DOS PROJECTOS RUSSOS PARA ESTABELEÇER UMA ESTACÃO ESPACIAL CONSISTE NUM CILINDRO DE 100 METROS DE DIÂMETRO QUE GIRARIA SOBRE SI PRÓPRIO A UMA VELOCIDADE PRODIGIOSA, PRODUTIVA NO SEU INTERIORE UMA GRAVIDADE PARECIDA COM A DA TERRA.





Ah! Ainda outra coisa: não me peçam para lhes responder directamente. Seria contra os regulamentos. Tenho muito gosto em receber cartas vossas e em responder-lhes, mas, para isso, cá temos a nossa secção-zinha no «Foguetao».

E agora vamos ao tal segundo esquema. Trata-se de um

TREINO COMBINADO

De preferência ao ar livre. Duração, uma hora.

Primeira parte (dez minutos).

1.º — Corrida a velocidade moderada, entre 400 e 800 metros.

2.º — Exercícios de descontração e amolecimento.

3.º — Marcha, ou corrida a pequena velocidade, alternando com pequenos «sprints» curtos e bruscos, ou meias-voltas, fintas laterais, etc. Isto serve para os habituar às mudanças de velocidade e de direcção a que são obrigados durante o jogo. Para tornar este exercício mais agradável, podem executá-lo com bola.

Segunda parte (vinte minutos).

1.º — Exercícios preliminares. Treino da bola rasa, através de pontapés, duns para os outros (ou contra a parede, se estiverem sózinhos), obrigando a bola a seguir sempre rente ao solo.

dores procurarão aplicar o que praticaram anteriormente. Não haja a preocupação dos golos, mas a de bem executar. Para isso, o treinador deve interromper, frequentemente, a partida, corrigindo tudo quanto seja mal executado. Em especial, insistir no passe perfeito, no domínio da bola, na finta, no drible e também na rapidez e oportunidade do passe. Recepção da bola, amortecimento, travagem e devolução oportuna, isto é: o jogador não deve desfazer-se do esférico de qualquer maneira. Vocês devem evitar agarrar-se demasiado à bola, fazer «caixinhas», mas também não são obrigados a passá-la logo ao primeiro toque. É preciso saber escolher o momento do passe e também saber proteger a posse da bola, até ao momento de haver um companheiro bem colocado para a receber.

Claro que, neste esquema de treino, não visámos a preparação do guarda-redes que, como é lógico, devido à especialização do lugar, não pode ser igual à dos restantes companheiros de equipa. Basta lembrarmo-nos de que a «ferramenta» é outra: o guarda-redes precisa mais das mãos que dos pés. Portanto, para aqueles que têm no Costa Pereira, no Aníbal, no Rita, no Acúrsio e noutros, os seus ídolos, desde já fica prometido um treino «em cheio» (para lhes fazer suar as estopinhas, pois não julgamos que o guarda-redes ocupa um lugar de repouso), num dos próximos números destas lições.

Mas, perguntarão vocês, como é que «ele» («ele», claro está, sou eu...), sendo avançado, sabe como se prepara um guarda-redes? Mal de mim se não soubesse! Então como é que havia de lhes «stopar» os pontos fracos, para poder meter-lhes os golos — aquilo de que um avançado mais gosta?!

Jose Giguas

Dentro deste período de treino, podem também executar a finta e o drible com a bola, e a paragem brusca, com remate, à meia-volta.

Terceira parte (trinta minutos).

Desafio-treino, em que os joga-

AS LIÇÕES DE JOSÉ ÁGUAS

8 — QUERES SER UM BOM FUTEBOLISTA? ENTÃO SEGUE «ISTO» A SÉRIO!

Vou hoje fornecer-lhes um novo esquema de treino. Na verdade, tentava variar de assunto, mas, em face do caloroso acolhimento com que foi recebido o primeiro esquema, resolvo continuar.

A propósito, devo pedir-lhes que, para outra vez, façam o favor de me escrever as vossas cartas alusivas a estas lições, para a nossa redacção, e não para minha casa, ou para o Lar do Benfica, como muitos tiveram a ideia de fazer. É que estes assuntos jornalísticos trato-os no jornal, como é óbvio, pois é aí que tenho todo o material correspondente. Combinado?

CRÓNICA DO OESTE



QUANDO O GAUDO DE UM RANCHO SE MISTURA COM OUTRO GAUDO, O CASO É ENTREGUE AO COW-BOY MAIS EXPERIMENTADO, PARA ULTIMAR O REBANHO DE FACTO, SO UM COW-BOY COM EXPERIENCIA PODE IDENTIFICAR BEM OS FERROS DAS MARCAS.

MUITOS BRANCOS CHAMAVAM COBARDES AOS INDIOS PORQUE SO ENCONTRA EM NOS INDIOS, RADAMENTE, ESTE DAVAM MEIA VOLTA E FUJIAM. A VERDADE É QUE OS HOMENS DE ALGUMAS TRIBOS ACREDITAVAM QUE A SORTE DA BATALHA SO LHE SORRIRIA SE ENVERGASSE OS SEUS MELHORES TRAJOS.

O COZINHEIRO DOS COW-BOYS QUE ACOMPANHAM O GAUDO TEM SEMPRE MUITO TRABALHO PARA VARIAR AS EMENHAS, MAS, CERTA VEZ, UM COZINHEIRO ENSEÑOSO FEZ UM PASTELÃO EM CUIA CROSTA GRAVOU O FERRO DO RANCHO. OS COW-BOYS APLAUDIAM O PETISCO E COMERAM COM MAIS APETITE DO QUE NUNCA.

AS FLECHAS DOS INDIOS SÃO SEMPRE DO MESMO TAMANHO POIS, AO FAZÊ-LAS, O INDIÓ MEDE AS RIGOROSAMENTE DE CADA UM DOS SEUS DEDOS.

O ENIGMÁTICO DRAMA DOS MAMUTES

(Continuação das páginas centrais)



É possível que há dez mil anos essa crosta, deslocando-se em bloco, tenha feito mudar a Sibéria, transportando-a de um clima suave para a posição que hoje ocupa, ao mesmo tempo que a América do Norte tomava a anterior posição da Sibéria e a região ártica passava de um clima semi-ártico a um clima polar.

Mas... embora isso possa ter acontecido, esta mudança de terras não se fez a duzentos à hora. Como explicar, assim, a congelação quase instantânea dos mamutes?

A resposta talvez se encontre nas consequências possíveis de um tal movimento sobre o clima. Parece certo que esse colossal desliz de terras teve por efeito um grande aumento das erupções vulcânicas. A Terra — conforme todos nós aprendemos na escola — não é perfeitamente redonda, mas um pouco achatada nos Polos e «inchada» — digamos assim — no Equador. À medida que certas zonas da sua crosta se deslocavam para o Polo, onde o diâmetro da esfera terrestre é menor e que outros se dirigiam para o Equador, onde ele é mais importante, a tensão aumentava até chegar ao ponto de ruptura, o que, naturalmente, dava lugar a abalos sísmicos e terríveis erupções vulcânicas. Seria caso para lhe chamar o «fim do mundo», se a coisa não se tivesse passado ao princípio...

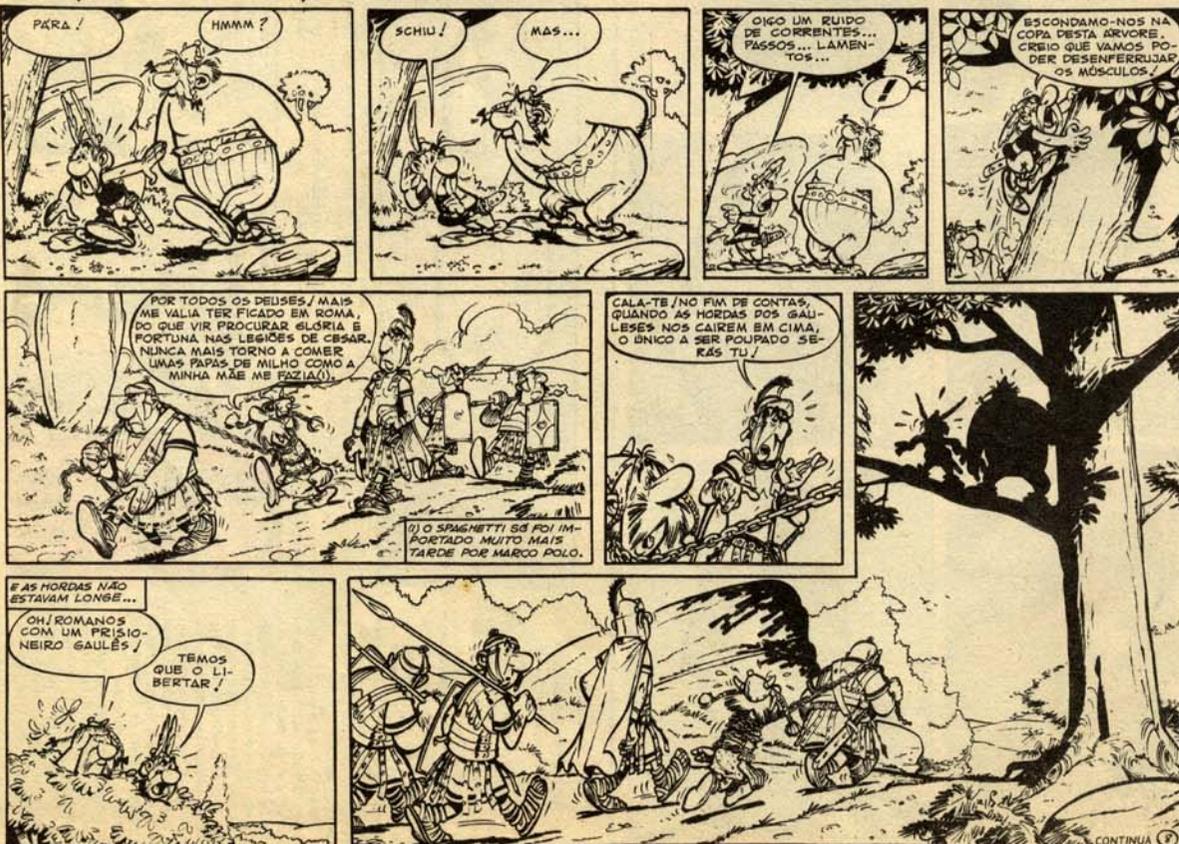
Ora os vulcões actuam sobre o clima, porque expelam grande quantidade de poeiras microscópicas logo arrastadas pelos ventos e capazes de se interpor entre a Terra e o Sol, diminuindo assim o calor que este nos envia e provocando chuvas abundantes ou nevéns. Tais nevéns seriam mais do que suficientes para matar os pobres mamutes.

E, repetindo-se, teriam coberto de gelo o solo da Sibéria, que outrora era risonho e florido.

Mas, para melhor compreendermos a sorte dos defuntos e chorados mamutes, voltemos à América do Norte. Por incrível que possa parecer, quando o último fragmento da calota glaciária deixou o Canadá, ia cheio de animais congelados. Nos pântanos do norte do Estado de Nova Iorque foram encontrados corpos de cavalos, de gamos, de castores gigantescos e de outros animais característicos dos climas temperados, que também para ali deviam ter sido arrastados quando da famosa troca de zonas temperadas por zonas geladas. Alguns estavam despedaçados, outros, como os mamutes, encontravam-se inteiros.

A explicação que o Prof. Charles H. Hapgood nos dá parece contestável? Talvez... Mas a Ciência ensina aos que a cultivam que nunca se deve afastar uma teoria com demasiada precipitação. E afinal, não se tornaram realidades de hoje muitos dos sonhos de ontem? Se não foi assim, como explicar o destino misterioso dos pobres mamutes? Que o digam outros sábios... se puderem.

Asterix O GUERREIRO GAULÊS



PÁRA!
HMMM?

SCHIU!
MAS...

OIGO UM RUÍDO DE CORRENTES... PASSOS... LAMENTOS...

ESCONDAMO-NOS NA COPA DESTA ARVORE. CREIO QUE VAMOS PODER DESENFERRUJAR OS MÚSCULOS!

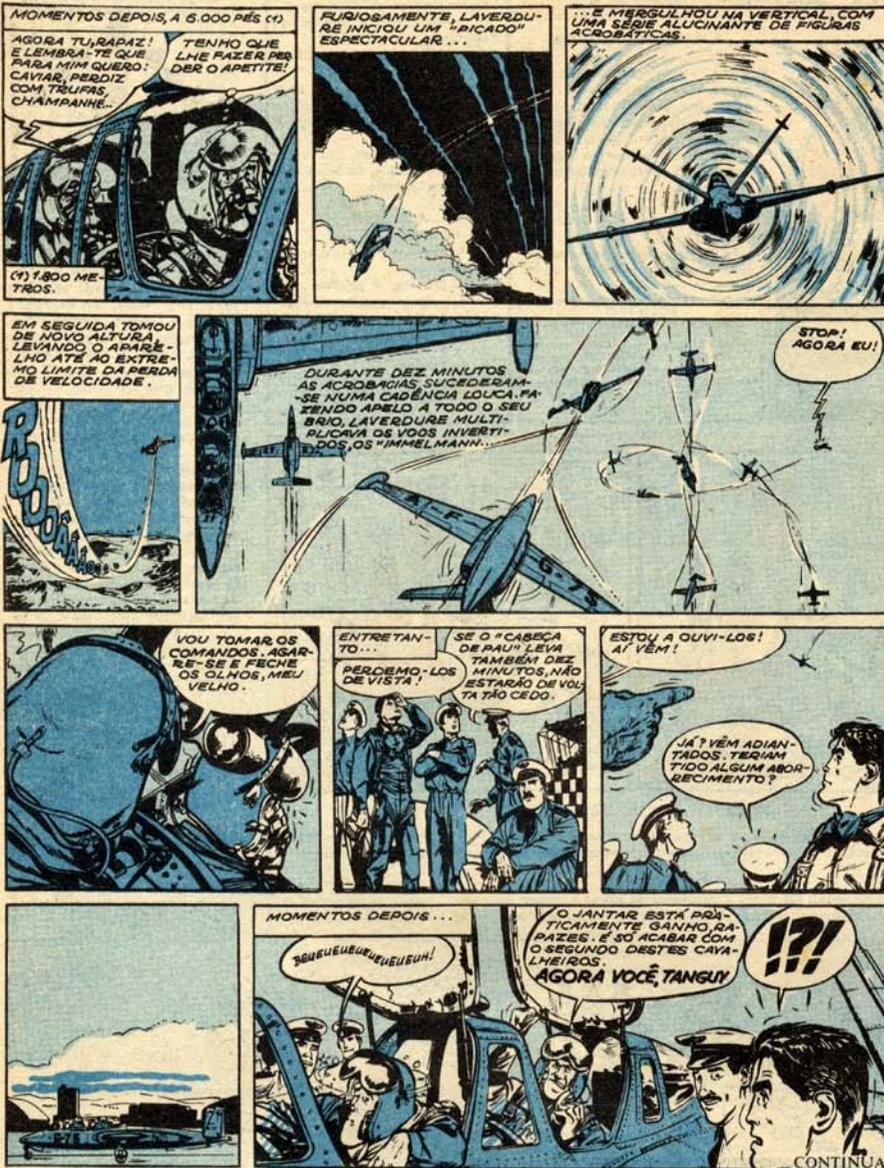
POR TODOS OS DEUSES, MAIS ME VALIA TER FICADO EM ROMA, DO QUE VIR PROCURAR GLÓRIA E FORTUNA NAS LEGIÕES DE CÉSAR. NUNCA MAIS TORNO A COMER UMAS PAPAS DE MILHO COMO A MINHA MÃE ME FAZIA!

CALA-TE! NO FIM DE CONTAS, QUANDO AS HORDAS DOS GAULESES NOS CAÍREM EM CIMA, O ÚNICO A SER POUPADO SERÁS TU!

E AS HORDAS NÃO ESTAVAM LONGE...
OH! ROMANOS COM UM PRISIONEIRO GAULÊS!
TENOS QUE O LIBERTAR!

1) O SPAGHETTI SÓ FOI IMPORTADO MUITO MAIS TARDE POR MARCO POLO.

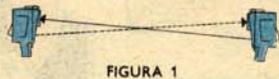
Michel TANGUY *em* CÉU DE GLÓRIA



aqui RADIO-FOGUEÃO

O «INFRAFONE»

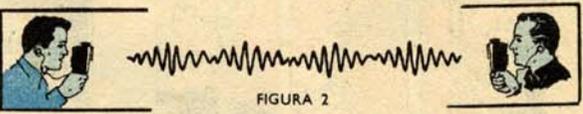
Esta secção dá hoje a conhecer aos nossos estimados leitores uma recente novidade.



Para comunicarem entre si, os interlocutores, que deverão ver-se, apontam os raios infravermelhos um ao outro (fig. 1). Esta manobra é executada mediante uma espécie de visor, conforme mostra a fig. 2.

Trata-se do «Infracone». Este pequeno aparelho, que não é maior que

A fig. 3 apresenta o circuito resumido da secção emissora. A voz modula o

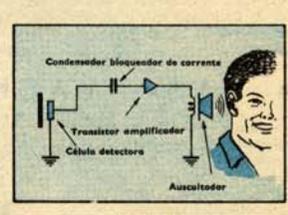
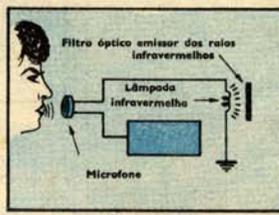


uma vulgar máquina fotográfica de amador, transmite e recebe ondas sonoras valendo-se dos raios infravermelhos.

gás dos raios infravermelhos que são captados pelo receptor (fig. 4), consistindo este numa célula detetora especial. Esta célula converte os raios infravermelhos modulados em energia sonora que, por sua vez, vai actuar num microfone que equipa também cada unidade.

O aparelho, segundo indica o fabricante, presta-se admiravelmente para as comunicações a curta distância entre barcos e entre estes e a costa. Claro que a sua aplicação tem muitas outras utilidades: comunicações entre agricultores, trabalhadores na construção de

Como se deduz, cada aparelho con-



estradas, edifícios, etc.. A sua aplicação deve ser também deveras útil nas comunicações entre bombeiros, polícia, etc.. Os aparelhos funcionam com pilhas vulgares de lanterna. Uma pequena lâmpada eléctrica (das usadas nas lanternas) fornece a energia suficiente infravermelha.

siste numa secção emissora e receptora. Portanto, para duas pessoas comunicarem entre si, necessitam evidentemente de dois aparelhos. O funcionamento poderá comparar-se ao telefone clássico, em que a voz cria impulsos eléctricos que, transmitidos por fios ao receptor, se convertem em sons.

Jornal de Ontem - JORNAL de AMANHÃ

A MODA

O QUE SE USA EM ATENAS



Atenas 445 (A. C.)
As mulheres de Atenas asseguraram o triunfo do schiton dórico, longa túnica que se dobra e se faz blazar na cintura ou um pouco acima desta.

O viajante que a nossa ilustração representa correndo atrás do seu grande chapéu, adoptou o schiton curto iónico, que usa com uma capa flutuante.
Os homens que participam na vida pública ou que ocupam lugares importantes vestem geralmente o himation, ampla túnica branca ou de cor clara, orlada de um galão de púrpura.
Para se sentarem, têm os atenienses elegantes tamboretes com os pés em X.
Em casa andam geralmente descalços. Mas para sair a moda aconselha sandálias de couro, mantidas por tiras — que passam entre

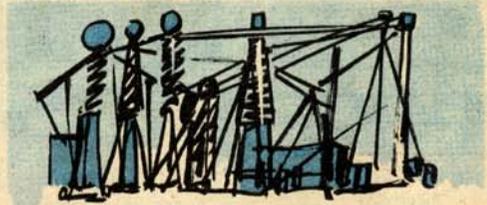
UMA VISITA A TEBAS

CAPITAL DOS PALÁCIOS E DOS TEMPLOS

Tebas 1150 (A. C.)
Numerosos excursionistas chegaram hoje a Tebas, para uma visita de alguns dias. Todos confessam caminhar de maravilha em maravilha.
Com efeito, há já dez séculos, que esta cidade suplantou Méfis como capital do Egipto e, a partir de então, sucessivas dinastias de faraós fizeram aqui construir tantos templos e palácios como nenhuma outra cidade do mundo pode gabar-se de possuir.
Tebas tira a sua principal riqueza do comércio com a Ásia e do tributo pago pela Etiópia

e por todos os países submetidos ao domínio dos faraós.
Um dos seus mais belos templos é o que Amenofis III terminou há 250 anos e ao qual dá acesso uma sumptuosa avenida ladeada de esfinges, de torres e de obeliscos. Cada torre, assim como as muralhas exteriores do templo, é ornamentada de frescos e esculturas reproduzindo as façanhas do monarca construtor. As portas das torres são de madeira preciosa (em especial cedro) com incrustações de ouro, prata e bronze. De porta em porta, de recinto em recinto, a escuridão vai crescendo até à misteriosa câmara sagrada, a morada do Deus, onde só os sacerdotes têm entrada.
Os excursionistas — todos eles vindos de regiões longínquas — mostram-se encantados com o que têm visto.

A FRANÇA TEM A PRIMEIRA CENTRAL ELÉCTRICA «MAREMOTORA»



Paris, 1970
A França acaba de pôr a funcionar a primeira central eléctrica do Mundo, movida pela energia marítima. Essa central encontra-se instalada na costa da Mancha, no estuário do rio Rance e fornecerá 800 milhões de quilovátios-hora por ano (duas vezes mais do que uma grande barragem, a de Aigle).
É possível prever que daqui a algumas dezenas de anos as centrais maremotoras se multiplicarão pelo mundo além. Todas funcionarão graças... à Lua, porque — como se sabe — é a atracção da Lua que provoca as marés, aliás também devidas à rotação da Terra.
Alguns cientistas perguntam a si próprios se a captação da ener-

UM NOVO BARCO ABASTECEDOR DE SUBMARINOS

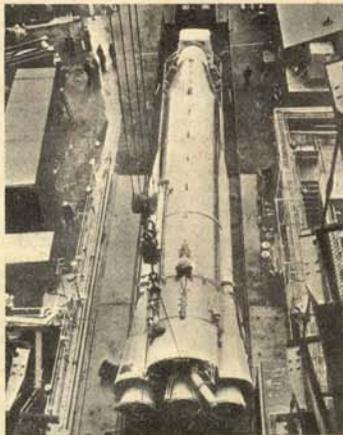
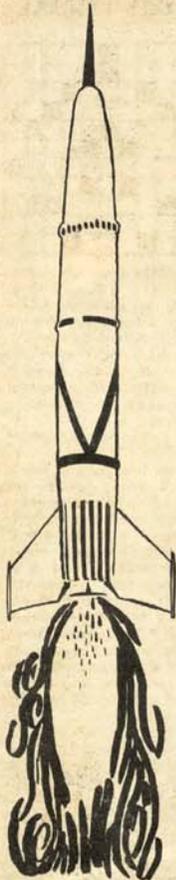
Nova Iorque, 1980
Os Estados Unidos acabam de pôr a navegar um novo e muito eficiente barco-reabastecedor de submarinos, capaz de operar no mar alto e que, com uma potência relativamente fraca, pode conduzir uma pesada carga a grande velocidade. Um tal barco não deixa o menor vestígio da sua passagem no mar, por mais calmo que este esteja.

UM ESTRANHO INVENTO



Mileto 525 (A. C.)
O jovem Anaximandro, aluno e companheiro do grande sábio Tales, acaba de inventar e construir um aparelho que permite medir o tempo.
Trata-se de um simples ponteiro cuja sombra, projectada sobre a tábua que lhe serve de base — sombra de comprimento variável segundo a posição do Sol — permite estabelecer um quadrante-tipo.
Fácil é de compreender a importância desta invenção. Em Mileto e em breve em toda a Grécia ninguém terá desculpa quando chegar atrasado. Uma simples olhadela ao quadrante e a sombra dará a hora exacta.

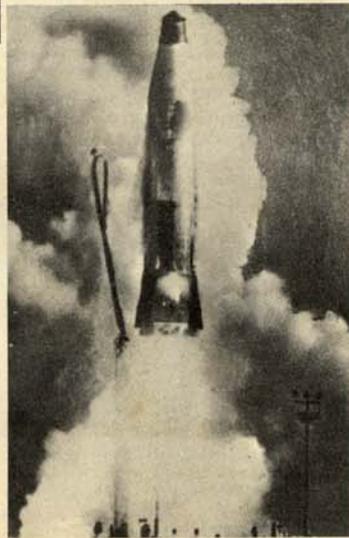
A CIDADE DOS FOGUETÕES



Este é o «Atlas», da altura de um prédio de dez andares. É, depois do «Titã», o maior foguetão dos Estados Unidos. Ei-lo quando chegava a Cabo Canáveral, na Califórnia.



O «Atlas», na plataforma de lançamento, destacando-se, gigantesco, no céu.



Lançado pelos seus três poderosos motores de reacção, o «Atlas» parte, deixando atrás de si um rasto de fogo.

As primeiras estrelas brilham no céu da Florida, enquanto nos refúgios espalhados pela península arenosa do Cabo Canáveral ressoa por intermédio dos altifalantes a voz do oficial encarregado das medidas de segurança:

— Atenção! Atenção! Estamos aproximando da Hora X — menos dez minutos.

Quatro grandes reflectores iluminam com uma luz branco-azulada o longo fuso do «Titã».

Nas casamatas blindadas (refúgios de cimento armado, cobertos de aço) e na «Central de Controlo», os técnicos e os cientistas que projectaram e construíram o foguetão, podem agora observá-lo nos ecrãs de televisão ou por meio de telescópios.

À X horas menos dez minutos as luzes de vigia dos vários aparelhos começam a apagar e acender... O radar e os foto-observadores entram em acção. Os balões de alarme partem de altíssimas torres. Os faróis cortam com espadas de luz as ondas do Atlântico... Os telémetros estão a postos... Os reservatórios do gigantesco aparelho encontram-se sob pressão. O giroscópio que guiará o foguetão está perfeitamente orientado... a voltagem exacta... As torres afastam-se lentamente. Agora é possível contemplar a luminosa silhueta do «Titã», que se ergue, majestosa, em toda a sua grandeza. Os registadores estão a

trabalhar... As luzes verdes dão o sinal de via livre.

Dez, nove, oito, sete... seis... Fogo! O aparelho que prendia o gigante à central de controlo, liberta-o. Nesse momento, o «Titã» começa a sua breve e agitada vida!

Com um jacto de gás, e um grande clarão de luz, o foguetão gigante, livre das robustas pinças que o prendiam, ergue-se da plataforma: treme, parece imóvel sobre o jacto de fogo. Depois o pássaro-mastodonte adquire velocidade e, rugindo espantosamente, rasga os céus e perde-se entre as estrelas...

Das grandes fábricas de Detroit e de Baltimore, da Califórnia e do Colorado, onde nascem, estes pássaros-gigantes descem em grandes revoadas sobre o Cabo Canáveral.

Há dez anos atrás, nessa península arenosa coberta de palmeiras, reinavam os veados e os ursos, enquanto nas águas das lagoas os aligátors e as serpentes esperavam a presa, e os pelicanos, com o grande bico de bolsa, pescavam os peixes cor de prata.

Hoje, na língua de areia que parece um dedo curvo apontado para o Oceano Atlântico, os foguetões construíram o seu «ninho» entre as casamatas e as torres de lançamento.

A floresta tropical de há dez anos tornou-se a Cidade dos

Foguetões dos Estados Unidos. Dali partiram quase todos os satélites artificiais americanos.

Entretanto, os instrumentos lançados deste «Centro de Prova» das Forças Aéreas dos Estados Unidos, estão hoje prontos a partir de outras bases.

O gigantesco «Titã» realizou ali os seus primeiros voos. Agora, o enorme charuto da altura de um arranha-céus e pesando mais de 100 toneladas, voa na estratosfera e atravessa os oceanos. É o verdadeiro senhor do espaço!



QUEREM LER UM BOM ROMANCE POLICIAL?

... escrevam-no!

(Continuação da página 8)



O ÊXITO TEM VINTE MANDAMENTOS

ERLE STANLEY GARDNER

S. S. Van Dine, autor americano de muito bons livros, ditou estas vinte regras que em sua opinião deviam ser seguidas por todo o autor de romances policiais que pretenda escrever um bom livro:

1. O leitor e o detective devem ter os mesmos trunfos para procurarem o culpado.
2. O autor não deve empregar para com o leitor mais manha do que a usada pelo culpado para com o detective.
3. O verdadeiro romance policial deve ser isento de qualquer intriga amorosa.
4. O culpado nunca deve ser detective nem membro da policia.
5. O culpado deve ser descoberto por dedução e não por acaso.
6. O policia deve ser um bom policia, de forma a justificar o romance.
7. Um romance policial sem cadáver não existe.
8. O problema policial deve ser resolvido por meios estritamente realistas (nada de cartomancias, de mesas de pé de galo, etc.)
9. Haverá um só detective, como há um só leitor.
10. O culpado deve ser sempre uma pessoa com papel importante na história.
11. O culpado deve ser alguém que «valha a pena».
12. Deve haver um único culpado.
13. As sociedades secretas não têm lugar no romance policial.
14. A maneira por que é cometido o crime e os meios utilizados para o descobrir devem ser racionais e científicos.
15. A solução deve — para todo o leitor perspicaz — transparecer ao longo do romance.
16. No romance policial não deve haver passagens descritivas, análises de sentimentos das personagens, nem preocupações exteriores ao problema.
17. O culpado não deve ser um profissional do crime.
18. O que se apresentou como crime não deve, no fim do romance, tornar-se acidente ou suicídio.
19. O motivo do crime deve ser sempre pessoal. São de pôr de lado as sombrias maquinações politicas e as conspirações internacionais.
20. O auctor deve evitar, tanto quanto possível, utilizar processos já empregados pelos seus predecessores.

AS QUATRO «CORES» DO ROMANCE POLICIAL.

Os especialistas da literatura policial dos nossos dias classificam os romances policiais em quatro categorias:

1. *Romance policial de enigma:* É o mais antigo e talvez o mais interessante. Ali tudo gira à volta de um crime de morte tão subtil e matematicamente conduzido como uma partida de xadrez. A única coisa que conta neste romance é o problema proposto ao detective, quase sempre amador.

Mestre do género: Agatha Christie, com o seu Hércules Poirot.

2. *Romance policial de ambiente:* Nesta categoria, se o crime ainda conta, o problema técnico passa ao segundo plano. Em contrapartida, o cenário e o ambiente têm toda a importância. A acção passa-se nos noveiros das docas, em bairros sórdidos ou em salões secretos de graves burgueses.

Mestre do género: Georges Simenon e o seu Comissário Maigret.

3. *Romance policial negro:* Tem sempre um crime de morte. Não contam as circunstâncias em que ele foi perpetrado, nem o meio, mas apenas os pormenores exteriores, as aventuras que o acompanharam. Há muito coisa, muito *whisky* e o herói conquista num abrir e fechar de olhos as mais lindas raparigas do mundo.

Mestre do género: O francês Marcel Duhamel e a sua «Série Negra».

4. *Romance policial de «suspense»:* É o romance policial ao contrário. Conhecemos desde o princípio o assassino e a sua vítima. O autor brinca então com o leitor como o gato com o rato, deixando-o verdadeiramente... suspenso!

Mestres do género: Os autores femininos de romances policiais. Sem má-lingua...

DESVENTURAS DO ZACARIAS



CABO CANAVERAL

a cidade dos FOGUETÕES

Eis o foguetão "Titã", no momento em que parte do Cabo Canaveral, impelido pelos poderosos jactos dos seus motores. Em menos de 150 segundos atingirá os cem mil metros de altitude, para vencer de um salto a distância de 14 mil quilómetros, levando na ogiva especial de fibra de vidro uma cabeça nuclear cujo peso atinge quase 3.000 quilos.



O lançamento do gigantesco "Titã" é atentamente seguido por técnicos e cientistas. Um oficial das Forças Aéreas U. S. A. acompanha pelo periscópio as fases da operação.

Da Central de Controle o oficial que comanda as operações segue no ecrã de televisão o lançamento do poderoso foguetão intercontinental.



Servindo-se das indicações recebidas pela rádio, o técnico assinala numa gigantesca carta geográfica transparente o percurso do foguetão.



OCEANO ATLANTICO

VEGETA A MOTOR

FOTO OBSERVADORES

ZONA DE LANÇAMENTO JUPITER-THOR

BALÃO DE ALARME

ZONA DE LANÇAMENTO DOS POLARIS

ZONA DE LANÇAMENTO DOS TITÃ E ATLAS

ESTRELA

CASAMATA

RADAR

ESTRELA

CASAMATA

PORTO

ESTACÃO RECEPTORA

CENTRAL DE CONTROLE

LAGOA BANANA



G.P.A.S. 60